

Impasse com Bird impede desembolso de bancos credores

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — Os bancos comerciais credores do Brasil não farão mais este ano, como era esperado, o segundo desembolso do chamado *dinheiro novo*, no valor de US\$ 600 milhões, que estava condicionado à aprovação pelo Banco Mundial (Bird) de um empréstimo de US\$ 500 milhões para o setor elétrico brasileiro. O acordo de reescalonamento da dívida brasileira previa a liberação dessa segunda parcela "a partir do dia 1º de dezembro", mas um impasse nas negociações entre o Bird e o Brasil deixa em suspenso o cumprimento das obrigações assumidas pelos bancos credores, sem que ninguém arrisque um palpite sobre uma solução a curto prazo.

Um funcionário do Banco Mundial disse que era "forte demais" o anúncio do presidente da Eletrobrás de que as negociações sobre o empréstimo do setor elétrico tinham sido "interrompidas". Alegou que as alternativas de solução ainda estão sendo estudadas pelos técnicos do banco para sair do atual impasse, criado pela oposição do Bird à construção da usina nuclear Angra III. Segundo ele, o banco preferiria que o governo brasileiro voltasse atrás e tirasse o setor nuclear do âmbito da Eletrobrás e estuda até a hipótese de que só Angra III seja tecnicamente tirada da estatal do setor elétrico.

O governo brasileiro não quer pagar o preço político de voltar atrás numa decisão soberana, como a que foi adotada recentemente, passando as usinas eletrônicas para a Eletrobrás ao ser extinta a Nuclebrás. Diante do atual beco sem saída das negociações, o Brasil passou a tentar convencer os representantes dos Estados Unidos e de países europeus a usarem de sua influência e seu poder na diretoria do banco.

A proposta mais avançada que uma missão do Bird levou na semana passada ao Brasil foi a de que a Eletrobrás se comprometesse a concluir dentro de seis meses um estudo de viabilidade econômica para construir Angra III. Se o resultado fosse negativo, se faria outro estudo, com prazo de um ano, na esperança de que nesse ano e meio o Brasil pudesse provar, econômica e financeiramente, que vale a pena produzir uma eletricidade de fonte nuclear mais cara do que a de outras alternativas que a própria região Sudeste oferece.

O lado brasileiro não aceitou nem isso, porém, porque está convencido de que nenhum estudo mostrará viabilidade econômica de Angra III, na competição com outras alternativas, e não parece preocupado com a paralisação do cumprimento do acordo de reescalonamento da dívida externa.

Para contornar a falta de recursos com a interrupção das negociações para o empréstimo de US\$ 500 milhões do Banco Mundial à Eletrobrás, a estatal está tentando obter um financiamento por 180 dias junto a bancos privados nacionais da ordem de US\$ 100 a US\$ 150 milhões, ainda em dezembro, a fim de cobrir os déficits, revelou o presidente Mário Bhering.